

Fragmentos do cotidiano e da arte: Uma entrevista com Hortência Moreira

Fragments of Everyday Life and Art: An Interview with Hortência Moreira

DOI: 10.5965/25944631012026e8310

Entrevistadoras:

Mara Rúbia Sant'Anna

Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: 8949042412277782. Orcid: 0000-0002-9101-5800.

E-mail: mara.santanna@udesc.br

Júlia Gomes Lessa

Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: 4176519192326374. Orcid: 0009-0008-8686-5190.

E-mail: julia.lessa@edu.udesc.br



Data da entrevista: 18/09/2025

Licenciante: Revista de Ensino
em Artes, Moda e Design,
Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob
uma licença Creative Commons
Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do
Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 10/12/2025

Aprovado em: 18/12/2025

Publicado em: 01/02/2026

Resumo

A entrevista com a artista visual e arquiteta Hortência Moreira revela uma trajetória conectada ao fazer artístico desde a infância. Hortência compartilha como cresceu em um ambiente criativo, dentro do ateliê de costura de sua mãe. Ao longo da conversa, ela reflete sobre a forma orgânica com que a arte se entrelaçou à sua vida pessoal e profissional, desde os primeiros desenhos e experimentações, e especializações na área de arte, até sua consolidação como artista no circuito das artes visuais. Ela narra suas experiências com concursos, exposições coletivas, salões de arte e sua primeira mostra individual, evidenciando uma construção contínua e comprometida com a linguagem artística. A entrevista revela, além do percurso profissional, o amadurecimento de uma artista que sempre esteve em movimento, buscando espaços de criação, pesquisa e inserção no cenário cultural. Essa artista foi escolhida para acompanhar os três dossiês de 2026 da Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, sendo esta a primeira entrevista publicada, cuja temática é sua trajetória formativa. Obras de Hortência Moreira foram escolhidas pra contemplar cada uma das capas dos números publicados neste ano.

Palavras-chave: Arte. Arquitetura. Experiência estética.

Abstract

The interview with visual artist and architect Hortência Moreira reveals a trajectory deeply connected to artistic practice since childhood. Hortência shares how she grew up in a creative environment, within her mother's sewing studio. Throughout the conversation, she reflects on the organic way in which art became intertwined with her personal and professional life, from her earliest drawings and experiments, and her specialization in the field of art, to her consolidation as an artist within the visual arts circuit. She recounts her experiences with competitions, group exhibitions, art salons, and her first solo exhibition, highlighting a continuous path marked by commitment to artistic language. Beyond her professional trajectory, the interview reveals the maturation of an artist who has always been in motion, seeking spaces for creation, research, and engagement within the cultural landscape. This artist was selected to accompany the three 2026 dossiers of the Journal of Teaching in Arts, Fashion and Design, with this being the first published interview, focusing on her formative trajectory. Works by Hortência Moreira were chosen to compose each of the covers of the issues published this year.

Keywords: Art. Architecture. Aesthetic experience.



Foto: Mirian de Campos, 17/10/25.

Hortência Moreira é uma artista visual que capta momentos e detalhes da vida urbana. Por meio da coleta de fotografias e objetos da cidade, especialmente das construções que a compõem, Hortência cria pinturas, colagens, objetos e instalações que remetem à sua vivência pessoal. Suas obras são atravessadas pela memória afetiva de momentos de sua trajetória, como a infância em Goiânia — cidade onde nasceu, vive e trabalha —, mantendo seu ateliê dentro de casa. Esses elementos se conectam com as referências que a artista encontra nas ruas. Imagens de ruínas, trânsito, calçamentos e paredes urbanas são algumas das fontes de inspiração em seu processo criativo.

As capas dos volumes de 2026 da *Revista de Ensino em Artes, Moda e Design*, com obras da série *Lapidarium*, exemplificam como o caminhar com um olhar exploratório é essencial no processo criativo de Hortência Moreira. Mais do que apenas observar, a artista se apropria de todos os seus

sentidos para absorver os estímulos urbanos, até mesmo a brisa do vento é percebida e usada como fonte de inspiração.

Essa sensibilidade é especialmente perceptível na série *Lapidarium*, em que Hortência trabalha com fragmentos que constituem o espaço vivido e sentido, refletindo, sobretudo, sobre a passagem do tempo. Ao refletir sobre o tempo, a artista encontra vestígios de algo que um dia já foi inteiro — como as ruínas estruturais da cidade —, que guardam memórias e histórias do passado.

Lapidarium reúne três séries criadas a partir de fragmentos e imagens coletadas pela artista, como uma espécie de galeria de obras produzidas em 2024. A primeira série, intitulada *Tanques* (cuja obra inaugural estampa a capa do volume 10, nº 1, do dossiê *Moda, Extensão e Gestão Educacional*), apresenta colagens e técnicas mistas de pintura sobre tela. Em seguida, aparecem as séries *Lapidarium* e *Fendas*, que complementam o conjunto da obra.

Entrevista realizada de forma on-line, em Florianópolis, no dia 18 de setembro de 2025.

Entrevistadoras

Para quem conhece suas obras e deseja entender um pouco mais sobre você, como você contaria a sua história de vida em conexão com o seu ser artístico? Vemos que você está sempre criando, produzindo e abrindo novas fronteiras; como tudo isso se relaciona com a sua trajetória pessoal?

Hortência Moreira

Desde 2000, venho construindo minha identidade artística e produzindo minhas séries. Assino como Hortência Moreira, mas meu nome completo é Hortência Moreira Soares de Sousa, e é com esse nome que me considero artista desde que nasci. Desde pequena, gostava de desenhar, e lembro que um tio meu, quando eu ainda era criança, disse: “Você é artista, né?” — e essa frase me marcou.

Não foi uma sentença definitiva, tipo “agora vou me assumir artista para o resto da vida”. Desde pequena, eu me considero artista, porque sempre gostei de criar. Minha mãe é costureira, então eu sempre estive em contato com esse universo. Vejo outros artistas falando: “Ah, eu frequentei o ateliê tal, com esse artista”, mas eu nasci dentro de um ateliê — o ateliê de costura da minha mãe. Ela fazia figurinos para *Drag Queens*, dançarinas, roupas em geral, vestidos de noiva, tudo o que você possa imaginar. Era um ambiente muito rico em criação, que eu carrego comigo desde criança.

Aprendi a costurar e criar, e com 12 anos já fazia minhas produções, que levava para a feira aqui em Goiânia, onde minha mãe vendia suas peças. Sempre fui uma pessoa criativa, gostava de inventar objetos para brincar com coisas que encontrava no quintal de casa. Na escola, as disciplinas relacionadas às artes eram as de que eu mais gostava e nas quais me destacava. Até nas outras aulas, eu aproveitava para criar: em biologia, por exemplo, gostava de desenhar as células. O professor me chamava no quadro para desenhar, e eu amava aquilo.

No meu segundo grau integrado, estudei no Carlos Chagas porque estava meio atrasada, então tinha aula o dia inteiro para fazer três anos em dois. Nessa escola, tinha uma professora chamada Mônica Serpa, que dava aulas de artes e teatro, e ela criou um curso de pintura e desenho. Eu pensei:

“Nossa, vou fazer!” — já amava arte, então fui. Foi um curso que fiz antes da faculdade, onde aprendi mais sobre luz, sombra e um pouco de história da arte. Foi ali que comecei a estudar de verdade. Comprava livros dos grandes mestres, estudava Michelangelo, Da Vinci, e comecei a entender o que era arte e sua importância. Também comprava revistas na banca e desenhava copiando figuras delas. Essa professora nos ensinou, entre outras coisas, a observação de paisagens.

Uma das minhas grandes inspirações foi a Maristela, minha amiga querida, a professora Maristela Novaes. Ela fazia muitas perguntas que me fizeram refletir. Mostrava revistas e dizia: “Você gosta mais disso ou daquilo? Algo mais rústico ou mais moderno?” Foi com ela que comecei a compreender os estilos, as classificações, e que tudo podia ser estudado. Ali nasceu minha relação com a estética. Não era mais só “eu sei desenhar”, mas sim porque eu comecei a entender o que estava fazendo.

Entrevistadoras

Como surgiu a sua decisão de cursar Arquitetura? Foi influenciada pela professora Maristela Novaes, que também é formada em arquitetura?

Hortência Moreira

No começo, eu queria fazer faculdade de artes, mas minha irmã Verbena me levou para conhecer uma faculdade de Arquitetura — que também é grande amiga da professora Maristela —, pois havia a pressão da família sobre “como você vai viver fazendo arte?” Eu fui só para ver, porque ainda pretendia prestar vestibular para artes. Porém, quando cheguei lá, vi que as salas eram interligadas e pude acompanhar um pouco de tudo o que estava acontecendo: professores dando aula de história da arte, teoria crítica... Foi aí que decidi que era ali que eu queria ficar. Tudo o que eu buscava estava naquele curso.

Fiz um cursinho preparatório, passei e entrei na faculdade de Arquitetura com 19 anos e amei o curso. Dentro da faculdade, tive matérias que relacionavam artes aplicadas à Arquitetura. Na época, o nome da disciplina era Programação Visual em Arquitetura e Urbanismo. Tive três professores

que eram ao mesmo tempo artistas e arquitetos, e essa disciplina durou mais de dois semestres.

Uma das professoras foi Sáida Cunha, uma grande artista goiana, super-reconhecida e uma das precursoras da escola. Tive aula com ela de desenho, além de estudarmos História da Arte. Também aprendemos com o Tai Chuan, um artista e arquiteto chinês que foi um grande professor, além de Cirineu de Almeida, entre outros. Tivemos um grupo docente maravilhoso que me proporcionou um estudo mais profundo da história da arte.

Foi um período em que consegui enriquecer muito meu conhecimento. Tive oportunidade de visitar exposições e realizei uma entrevista com Fernando Costa Filho, um renomado artista goiano. Foi a primeira vez que visitei o ateliê de um artista plástico, e fiquei encantada — pensei que era exatamente aquilo que eu queria fazer. Apesar disso, segui no curso de arquitetura e me formei em 1998.

Entrevistadoras

Você chegou a trabalhar como arquiteta depois de se formar?

Hortência Moreira

Trabalhei com arquitetura até 2021. Assim que me formei, já fazia estágio em escritório e trabalhei na Engenharia de Tráfego do Detran. Ainda hoje tento me desvencilhar desse campo, mesmo atuando em tempo integral com as artes, devido aos resquícios dos anos em que trabalhei com arquitetura. Já atuei em diversos escritórios, como autônoma, e por 13 anos permaneci na mesma empresa, a Consenso Engenharia, onde desenvolvia muitos projetos institucionais. Então tenho muita experiência nesse campo, mas eu sempre ficava muito dividida.

Entrevistadoras

E, nesse período em que você atuava como arquiteta, você também desenvolvia seus projetos artísticos paralelamente?

Hortência Moreira

Desde a época da faculdade, eu nunca deixei de pintar. Nunca deixei de ser artista. Em 2000, participei de um concurso chamado *Novos Valores*, voltado para as artes, e nesse mesmo período iniciei minha especialização em Arte Contemporânea na UFG. Fui da primeira turma da especialização e foi onde realmente me aprofundei, porque eu queria continuar estudando. Lá, conheci meu mestre e orientador, Carlos Sena Passos – um grande artista, que infelizmente já faleceu, mas foi uma referência enorme na minha trajetória.

Durante essa especialização, tive contato com o universo de outros artistas brasileiros e comecei a me interessar cada vez mais pela pesquisa, pela leitura e pela escrita sobre arte. Em 2002, fui convidada a dar aula no curso de Arquitetura da UEG, onde permaneci por quatro anos. Porém percebi que aquilo não era exatamente o que eu queria, não era onde meu coração estava. Então, decidi não continuar na docência, porque o que eu realmente queria era focar na arte.

Antes mesmo da pandemia, eu já trabalhava de forma terceirizada, em home office, com projetos de arquitetura. Mas faz uns três anos que parei completamente com isso. Depois de 2021, chegou um ponto em que eu pensei: “Não, chega. Eu fiquei tempo demais dividida.” Desde os anos 2000, eu já enviava trabalhos para salões, participava de exposições, sempre me mantive inserida no circuito artístico. Eu ia visitar exposições, criava vínculos com agentes das artes, sempre fui muito curiosa em conhecer outros artistas, sempre procurei editais... Nunca parei. Mas, ao mesmo tempo, eu precisava desdobrar.

Trabalhar com arquitetura exige muito, tem épocas em que você precisa virar noites para entregar projetos no prazo. E isso me consumia. O ateliê ficava fechado, enquanto minha cabeça estava fervendo de vontade de criar. Eu tentava equilibrar: pela manhã atendia os clientes, resolvia tudo dos projetos, e à tarde ia para o ateliê. Cheguei a manter essa rotina por um ano, mas a arquitetura acaba te engolindo, o institucional te consome.

Foi aí que decidi fazer uma escolha. Avisei que não pegaria mais projetos. Já não era mais CLT, então comecei a passar demandas para uma amiga, pensava até em fazer parcerias, dar suporte... mesmo assim não funcionou.

E então disse para mim mesma: “Agora é definitivo. Não vou pegar mais nada.” Resolvi o que estava pendente e segui em frente.

Claro que ficou mais inseguro, financeiramente falando. Não que antes fosse estável, mas hoje posso dizer: estou viva. E estou onde quero estar.

Entrevistadoras

Quando você realizou sua primeira exposição individual?

Hortência Moreira

A minha primeira exposição individual foi em 2008. Eu trabalhava com tecido. Gostava muito dessa coisa de misturar materiais, madeira com tecido, com metal, às vezes bordava também. Eu criava como se fossem janelas feitas de tecido, reconstruía uma arquitetura numa espécie de releitura daquilo que eu observava ao meu redor. E chamei essa série de “*Projetos*”.

Essa foi a minha primeira exposição, que aconteceu no Centro Cultural Octo Marques, aqui em Goiânia. Esse centro abriga a Escola de Artes Visuais do Estado, além de galerias de arte. À época, havia duas: a Galeria Frei Confaloni, que leva o nome de um dos precursores da arte em Goiás, e a Sala Samuel Costa. Minha exposição foi nesta sala menor.

À época, a diretora era a Maria Tereza, que também coordenava uma iniciativa chamada Mercado de Artes. Eu frequentava bastante o centro, e foi por meio dela que comecei a participar desse projeto. O Mercado de Artes era como uma feira de arte mesmo, com bancas e obras expostas nas paredes, onde artistas podiam apresentar e vender seus trabalhos.

Ela passou a acompanhar meu trabalho mais de perto e começou a me incluir nas exposições que organizava. Muitas vezes, ela convidava artistas que já tinham bastante visibilidade, como Juliana Moraes, Edney Antunes, Rodrigo Godá, Sandro Gomide e Pitágoras, entre outros nomes fortes daquela geração.

E, de repente, eu me via expondo ao lado deles. Isso teve um impacto muito positivo em mim, na minha autoestima mesmo. Eu pensava: “*Olha só, estou*

aqui junto com artistas reconhecidos.” Isso me mostrava que eu estava sendo vista, que estava me inserindo nesse meio. E assim fui construindo meu caminho, passo a passo.

Um grande passo na minha trajetória foi fazer a especialização em arte contemporânea, também com estímulo da minha irmã Verbena. O Carlos Sena Passos, que era um grande artista e uma referência para mim, foi meu orientador nesse período. O companheiro dele, Divino Sobral, também ofereceu um curso de arte contemporânea lá no Centro Cultural Octo Marques. Eu fiz esse curso, e ele foi outro momento de virada, uma verdadeira pancada que abriu minha cabeça.

Foi ali que comecei a ter acesso a bibliografias mais aprofundadas, a entender a história da arte de outra forma e também a crítica de arte. A gente aprendia como começar a se inserir nos espaços artísticos, como se posicionar enquanto artista. E tudo isso vinha das relações, das trocas, era através do contato com outros artistas e professores que as portas iam se abrindo.

Aos poucos, comecei a mostrar o que eu fazia. Às vezes, encontrava alguém e dizia: “Olha, eu faço esse tipo de trabalho.” Naquela época, eu não tinha um ateliê como tenho hoje, que ocupa praticamente minha casa inteira. Meu quarto era meu ateliê. Aliás, às vezes o ateliê é só um canto, uma mesa. Mesmo assim, eu já me considerava artista. Já estava nesse lugar. E aí eu falei para mim mesma: “*Não, eu já sou artista.*”

Entrevistadoras

E essa foi a primeira vez que você participou de uma exposição?

Hortência Moreira

De maneira individual, sim. Mas a primeira exposição da qual participei foi organizada por aquela professora de pintura e desenho que mencionei antes (Mônica Serpa). Ela montou uma mostra com os alunos no Centro Cultural Marieta Telles Machado, que ficava na Praça Universitária, um espaço que infelizmente não existe mais hoje.

Foi um momento marcante. Eu tinha 17 anos e a exposição era coletiva. As obras que expus naquela ocasião eram muito diferentes do que faço hoje. Na época, eu estava aprendendo técnicas de pintura, e escolhi como referência uma revista que trazia imagens de mulheres indígenas. Achei aquelas cores tão lindas, tão vibrantes, que resolvi criar quadros com base naquelas imagens. Foram essas pinturas que levei para a minha primeira exposição oficial.

Claro, antes disso, eu já "exibia" minhas criações em casa, quando criança, montava minhas próprias exposições no meu quarto. Mas essa, na Marieta Telles Machado, foi a primeira vez que me vi inserida num espaço público de arte. Foi o começo de tudo.

Entrevistadoras

Então, nessa sua jornada entre a arquitetura e a arte, como foi para você reconhecer o momento de fazer essa escolha e realmente focar na arte?

Hortência Moreira

Bom, durante a faculdade, eu não pensava na arte como uma profissão. Eu simplesmente produzia, porque gostava, e as pessoas me chamavam de artista. Tinha aquelas disciplinas com professores como a Sáida Cunha, que dizia: "Você é artista, todo mundo é artista." E mesmo nos projetos que eu fazia na faculdade, eu já pintava quadros também, vendia, por exemplo, para a amiga da minha irmã, e aquilo já me deixava feliz. Eu pensava: "É isso!" Minha irmã comprava minhas obras, eu desenhava, guardava... Sempre estive nesse lugar de criação. Eu dizia: "Sou artista."

Mas, ao mesmo tempo, estava ocupada: cursando arquitetura, trabalhando... Então, esse entendimento de ser artista como profissão, como escolha de vida, veio depois. Acho que o ponto de virada foi quando eu realmente me perguntei: *"Tá, eu sou artista, mas o que eu estou fazendo com isso? Como inserir meu trabalho no mundo?"*

Ser artista é algo que sempre fez parte de mim, desde criança. Mas a consolidação vem aos poucos, na consciência, na atitude. Em 2000, isso começou a tomar outra forma. Ali, eu passei a encarar com mais seriedade,

com mais intenção. Eu quis me movimentar dentro do circuito da arte, pensar no meu trabalho como um caminho profissional, com pesquisa, com profundidade, com compromisso.

A partir daí, comecei a procurar os salões de arte, a pensar em onde meu trabalho poderia se encaixar, como ele se relacionava com o mundo. A arte passou a ser uma prioridade. Mesmo ainda trabalhando com arquitetura, era a linguagem artística que eu queria inserir no mundo. Era isso que me movia.

Entrevistadoras

E essa questão de expor, de estar presente nos espaços da arte e se inserir nesse meio, isso continuou com você ao longo da sua trajetória?

Hortência Moreira

Sim, essa questão de expor e estar presente nos espaços da arte sempre caminhou comigo. Começou com o *Mercado de Artes*, onde participei de exposições em várias cidades como Goiás Velho, Pirenópolis e Goiânia. A Maria Tereza, que organizava o mercado, levava os artistas para dentro de faculdades, eventos como o FICA, exposições coletivas... E ali eu já estava no meio. Vivia essa movimentação.

Comecei a ver meu nome saindo no jornal, participando de exposições junto de nomes de outros artistas já reconhecidos no circuito de arte, e isso era muito significativo para mim. Eu sentia que estava me inserindo, construindo algo. Porque ser artista é uma construção, do nome, do trabalho, da linguagem, enfim... de um conjunto. Você não nasce pronto, você vai se consolidando.

Em 2008, como já comentei, veio minha primeira exposição individual, com coquetel, catálogo, matéria em jornal. Minha irmã Verônica patrocinou. Foi muito marcante. Eu até me questioneei: *“Será que meu trabalho está pronto?”* — mas percebi que esse “pronto” não existe. A gente aprende fazendo. A exposição é o palco do artista, como o palco para o cantor. E, nessa primeira individual, trabalhei com tecidos, objetos, elementos reaproveitados. Foi um compilado de ideias e experiências.

Depois disso, continuei criando, vendendo obras, me inserindo em novos espaços. A Maristela Novaes, minha grande incentivadora, me apresentou a lugares onde comecei a vender minhas obras, lojas de decoração que também trabalhavam com arte, como o Armazém da Decoração. Isso foi essencial, porque comecei a perceber que o meu trabalho também podia gerar renda.

Foi aí que comecei a pensar nos salões de arte, que sempre foram um desejo. Passei a pesquisar editais, como os que apareciam no site *Mapa das Artes*. Os salões são importantes porque te colocam em contato com outros artistas, com o público, com instituições, e também te fazem refletir sobre coerência estética, linguagem e amadurecimento.

Entrei no Salão do Centro-Oeste em 2011, o primeiro (e único) que aconteceu, e também em um salão de Brasília no mesmo ano. Foi um marco. Fui selecionada, ganhei visibilidade, recebi um valor simbólico e participei de residência artística, junto com outros 7 artistas, no Centro Cultural Renato Russo e apresentei meu trabalho no auditório do Museu Nacional, onde também fizemos exposição. Foi desafiador, principalmente, porque sou tímida, mas extremamente enriquecedor. A arte te tira da zona de conforto.

Depois disso, continuei participando de exposições, coletivas e individuais. Em 2024, por exemplo, fiz a exposição individual *Lapidarium* com a curadoria de Rosane de Carvalho, grande amiga pesquisadora em arte, na Vila Cultural Cora Coralina em Goiânia, onde banquei boa parte com recursos próprios e algumas ajudas. Nunca entrei em projetos de lei de incentivo, mas pretendo, pois acredito que *expor é fundamental*. A arte precisa estar acessível ao público. Assim como um dia eu fui tocada ao ver uma obra de arte, alguém pode ser tocado pela minha. Hoje em dia, participar de salões exige tempo, energia e, às vezes, investimento financeiro. Então sou mais criteriosa. Mas sigo produzindo, expondo, pesquisando — todo ano tenho atividades ligadas à arte. E eu não paro, não.

Considerações Finais

Por meio desta entrevista, foi possível compreender o universo artístico no qual Hortência Moreira está inserida. Sua trajetória como artista-arquiteta, marcada pela vivência no ateliê/casa e pelas múltiplas experiências cotidianas, revela com autenticidade o que é “ser artista”.

Através de suas falas, percebemos que ela não está apenas em constante movimento, mas é uma criadora que transforma sua vivência cotidiana em matéria poética e visual. Seu percurso, atravessado pela persistência, pela curiosidade e pelo entrelaçamento entre arte e arquitetura, demonstra que o ato de criar jamais esteve apartado de sua vida.

Ao longo da entrevista, fica evidente como sua sensibilidade foi cultivada desde a infância, em que, inclusive, os momentos de brincadeira eram permeados por criações próprias, até se expandirem para telas, colagens, objetos e instalações que traduzem sua leitura singular do mundo.

A artista que cresceu costurando memórias hoje constrói narrativas visuais que tensionam o tempo, o espaço e a cidade. Seja por meio de exposições, salões ou experimentações em ateliê, Hortência afirma uma poética comprometida com seu tempo e em constante diálogo com as potências do cotidiano urbano.

Suas falas nos lembram que o fazer artístico é, sobretudo, uma prática de criação e persistência¹.

¹ Correção gramatical realizada por: Albertina Felisbino, doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5926255906627194>

Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

Não aplicável.

Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Concepção do trabalho: Mara, Júlia; ambas participaram da concepção da entrevista e estiveram presentes na entrevista realizada em formato online. Condução da entrevista: Mara; Mara foi responsável pela formulação e realização das perguntas durante a entrevista. Transcrição e edição: Júlia; Júlia realizou a transcrição integral da entrevista e a edição do material. Revisão: Mara; Mara revisou o texto final da entrevista.

Material suplementar

O material suplementar referente a este artigo está disponível online.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Hortência Moreira por compartilhar conosco seu tempo, por nos contar sua história e por autorizar o uso das imagens de suas obras no dossiê da revista.

Referências

ATELIE.CASAUM (@atelie.casaum). **Instagram**, 1 out. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DPR3jwqDjRT/>. Acesso em: 25 out. 2025.

Lapidarium: catálogo de exposição. Projeto gráfico: **Alexandre Guimarães**. Goiânia: Vila Cultural Cora Coralina, 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ZmiAoXOe27XkpzF6Abz7fOE46HSdBTny/view>. Acesso em: 25 out. 2025.